

CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



Os círculos de mulheres: espaço de partilhas, autoconhecimento e espiritualização

Women's circles: a space for sharing, self-knowledge and spiritualization

Adriana Maria Simião da Silva^[a] 

Crato, Ceará, Brasil

Universidade Regional do Cariri (URCA), Departamento de Ciências Sociais.

Renato Kirchner^[b] 

Campinas, São Paulo, Brasil

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), PPGCR, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais.

Como citar: SILVA, Adriana Maria Simião da; KIRCHNER, Renato. Os círculos de mulheres: espaço de partilhas, autoconhecimento e espiritualização. *Caderno Teológico, Religião Democracia e Direitos Humanos*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 10, n.1, p.78-92, jan./jun, 2025. DOI: <https://doi.org/10.7213/2318-8065.10.01.p78-92>

Resumo

A contemporaneidade tem permitido uma efervescência de práticas e movimentos sociorreligiosos e espirituais que trazem ressignificações e atualizações. Entre estes, destaca-se o movimento socio-espiritualista de mulheres, dinamizado nos círculos de mulheres que crescem e ganham potência em várias partes do mundo, seja presencial, seja virtualmente. Por meio de vivências, rituais e partilhas biográficas, esses grupos evidenciam o ressurgimento de práticas de conexão com a dimensão divina que perpassa todos os seres. A intensão nesse espaço é refletir como os círculos de mulheres, engendrados nessa complexidade e diversidade, contribuem para o fortalecimento e empoderamento do princípio feminino. Além disso, tornam-se redes de apoio socioemocional e demarcam uma nova expressão da espiritualidade feminina. A pesquisa foi realizada a partir de um estudo bibliográfico que permitiu o aprofundamento das discussões conceituais, assim como do acompanhamento de círculos de mulheres numa perspectiva socioantropológica e participativa. A pesquisa possibilitou

^[a] Doutora em Educação (FACED – Universidade Federal do Ceará). Realiza estágio de pós-doutorado no PPGCR da PUC-Campinas. E-mail: adriana.simiiao@urca.br.

^[b] Doutor em Filosofia (IFCS – Universidade Federal do Rio de Janeiro). Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e diretor da Faculdade de Filosofia da PUC-Campinas. E-mail: renatokirchner00@gmail.com.

considerar essas expressões do feminino como potentes e reveladores de uma nova forma de espiritualização, mediada pelo autoconhecimento e o fortalecimento emocional, ao mesmo tempo que se constituem em rede de apoio e suporte social e afetivo.

Palavras-chave: Círculos de Mulheres, Espiritualidade, Autoconhecimento, Bem-viver.

Abstract

Contemporary times have allowed for an effervescence of socio-religious and spiritual practices and movements that bring new meanings and updates. Among these, the socio-spiritualist women's movement stands out, energized by the women's circles that are growing and gaining power in various parts of the world, both in person and virtually. Through experiences, rituals and biographical sharing, these groups show the resurgence of practices of connection with the divine dimension that permeates all beings. The intention here is to reflect on how women's circles, engendered in this complexity and diversity, contribute to strengthening and empowering the feminine principle. They also become socio-emotional support networks and demarcate a new expression of feminine spirituality. The research was carried out on the basis of a bibliographical study that allowed for in-depth conceptual discussions, as well as the monitoring of women's circles from a socio-anthropological and participatory perspective. The research made it possible to consider these expressions of the feminine as powerful and revealing of a new form of spiritualization, mediated by self-knowledge and emotional strengthening, at the same time as they constitute a network of support and social and affective support.

Keywords: Women's Circles, Spirituality, Self-knowledge, Well-being.

Introdução

Os círculos de mulheres têm se consolidado como espaços significativos de partilha, autoconhecimento e espiritualização, especialmente na contemporaneidade, marcados por um movimento crescente de resgate do Sagrado Feminino. Esses círculos configuram-se como redes de apoio socioemocional, promovendo fortalecimento pessoal e dando visibilidade a uma nova forma de expressão social feminina, que integra um tipo de espiritualidade que une práticas ancestrais e abordagens modernas a partir de uma perspectiva holística.

Nesse sentido, os círculos de mulheres têm se revelado como polissêmicos e heterogêneos (Maso, 2022), que vão além de uma única definição, pois se constituem em diferentes formas, com abordagens e objetivos variados, podendo ser vistos como uma expressão significativa dos novos movimentos religiosos (Siqueira, 2008), mais particularmente do movimento Nova Era no contexto religioso contemporâneo. A polissemia dos círculos de mulheres se manifesta na diversidade de práticas, crenças e experiências que cada grupo pode abranger. Enquanto algumas mulheres podem se conectar por meio de rituais ancestrais, outras podem explorar a meditação, a astrologia ou a cura energética. Essa pluralidade reflete a busca por um espaço seguro onde cada participante pode expressar sua individualidade e, ao mesmo tempo, encontrar apoio e solidariedade entre seus pares.

Além disso, a heterogeneidade desses círculos é evidente na variedade de origens culturais, sociais e espirituais das mulheres que os compõem. Essa diversidade enriquece as discussões e as práticas, permitindo que cada encontro seja uma oportunidade de aprendizado e troca de saberes. Assim, os círculos de mulheres não apenas promovem a conexão entre suas participantes, mas também desafiam normas e estruturas tradicionais, criando um novo paradigma de espiritualidade que valoriza a experiência feminina.

Em suma, os círculos de mulheres são uma manifestação vibrante do movimento Nova Era, refletindo a busca por novas formas de espiritualidade que são inclusivas, diversas e profundamente enraizadas na experiência coletiva das mulheres. Eles representam um espaço de transformação pessoal e comunitária, onde a pluralidade é celebrada e a voz feminina é fortalecida.

Esse contexto nos motivou a buscar compreender como os círculos de mulheres contribuem para o empoderamento das participantes, promovendo a conexão com suas dimensões interiores e com a espiritualidade. Nesse contexto, interessa-nos investigar como as experiências vividas nesses espaços revelam processos de transformação pessoal, fortalecimento emocional e aprendizado coletivo, especialmente diante de desafios contemporâneos, como o isolamento imposto pela pandemia da COVID-19.

A pesquisa, fundamentada em uma abordagem socioantropológica, participativa e autobiográfica, reflete sobre mais de três décadas de vivência e acompanhamento de círculos de mulheres, realizados tanto presencialmente, em cidades como Fortaleza, Maranguape, Crato e Juazeiro do Norte, quanto virtualmente, abrangendo grupos do Brasil e de países como Portugal, México, Argentina e Chile. A pandemia intensificou os encontros online, diversificando as configurações desses círculos, que passaram a incluir cursos, palestras, lives, workshops e grupos terapêuticos ou espiritualistas.

O objetivo central do presente texto é refletir sobre a constituição dos círculos e descrever alguns aspectos etnográficos relacionados às dinâmicas e formatos dos encontros. A partir desse estudo, busca-se evidenciar como esses espaços contribuem para o desenvolvimento de uma nova espiritualidade feminina e para a criação de redes de apoio e suporte, ancoradas na partilha de vivências e na busca por autoconhecimento.

Novos Movimentos Religiosos e o Sagrado Feminino

A contemporaneidade é marcada por uma série de transformações sociais, culturais e tecnológicas que impactam diretamente a experiência religiosa das sociedades. A globalização, a disseminação da informação, o avanço das tecnologias de comunicação e a crescente pluralidade cultural promovem um cenário complexo, onde o fenômeno religioso se manifesta de maneiras diversas. Neste contexto, os novos movimentos religiosos (NMRs), ou novas expressões religiosas (Segundo e Cavalcanti, 2020)¹ emergem como expressões significativas dessa dinâmica.

Para entender o fenômeno religioso atual, é importante considerar as mudanças que ocorreram a partir da modernidade e, posteriormente, da pós-modernidade. A modernidade trouxe consigo a secularização, processo pelo qual as crenças e práticas religiosas foram, em muitos casos, relegadas a um espaço privado, enquanto a razão e a ciência passaram a ocupar o lugar central na busca por explicações sobre o mundo. No entanto, a secularização não necessariamente resultou em um desaparecimento da religião. Em vez disso, muitos pesquisadores, como Hervieu-Léger (2008), argumentam que a religião se transformou e encontrou novas formas de expressão na esfera pública.

Com a ascensão da pós-modernidade, observamos um ressurgimento do interesse religioso. A fragmentação das narrativas dominantes, a valorização da diversidade cultural e o relativismo epistemológico contribuem para um ambiente em que as pessoas buscam significados e identidades que muitas vezes escapam da lógica racionalista da modernidade. Assim, a religião reemerge como um elemento central na vida de muitos indivíduos, não apenas como uma tradição herdada, mas como uma busca ativa por espiritualidade e sentido.

Nesse sentido, Siqueira (1999) argumenta que o crescimento acelerado da diversidade de grupos religiosos, doutrinas e filosofias nas últimas décadas reflete a vitalidade e a criatividade do fenômeno religioso, que se manifesta tanto em contextos laicos quanto espirituais. Esse movimento não se limita aos outros países apenas, sendo também expressivo no Brasil, onde se observa um caráter esotérico e uma rejeição ao controle institucional das religiões tradicionais. Há uma ênfase na espiritualidade individual, com práticas que envolvem simbolismo, energias, cristais e elementos do movimento *New Age*.

Os adeptos desses novos movimentos religiosos adotam uma visão ecumênica e eclética, mesclando tradições ocidentais e orientais, ciências e conceitos como consciência planetária e ecológica. A busca pela

¹ Os autores destacam que essa nomenclatura surgiu com a tentativa de compreender as mudanças no campo religioso (Segundo e Cavalcanti, 2020).

espiritualidade se dá por meio do autoconhecimento e do desenvolvimento pessoal, promovendo uma integração entre o sagrado e a vida cotidiana, incluindo saúde, bem-estar e harmonia com a natureza: “Imbricamento de terapêutica e de espiritualidade, onde a verdade última é construída e orquestrada pelo próprio sujeito, ‘experimentador’ por excelência” (Siqueira, 1999, p. 90).

No contexto da pós-modernidade, marcada pelo pluralismo e pela fragmentação das crenças, observa-se que a religiosidade se torna fluida e personalizada, sem seguir as diretrizes fixas de instituições religiosas. Assim, os indivíduos constroem suas próprias experiências espirituais, compondo um dos fenômenos mais marcantes da contemporaneidade.

Os novos movimentos religiosos são frequentemente caracterizados por sua novidade, inovação e resposta a demandas contemporâneas que as religiões tradicionais podem não atender. Segundo autores como Siqueira (1999), Negrão (2008) e Sousa (2022), esses movimentos podem incluir uma ampla gama de crenças e práticas, desde grupos que reinterpretem tradições religiosas existentes até aqueles que propõem sistemas totalmente novos de crenças. Entre esses movimentos, encontram-se os que se identificam com uma proposta de espiritualidade da Nova Era ou da assim chamada *New Age*. Esse movimento surgiu nas décadas de 1960 e 1970, num contexto de mudanças sociais, culturais e espirituais. Ele é caracterizado por uma busca por novas formas de espiritualidade que se afastam das tradições religiosas convencionais:

A *New Age* é considerada um movimento, com múltiplas nuances, dentro do campo da espiritualidade e desvinculado do conceito de religião. Nesse sentido, surge em contraste com as religiões e doutrinas tradicionais ao mesmo tempo que também absorve e é influenciada por crenças, práticas e elementos de algumas dessas religiões, especialmente as orientais (Leal, 2019, p. 23).

Durante os anos 60, o mundo estava passando por grandes transformações, como o movimento dos direitos civis, a contracultura e a revolução sexual. Muitas pessoas começaram a questionar as normas estabelecidas e a buscar alternativas para a vida espiritual e pessoal. O interesse por práticas como meditação, yoga e terapias holísticas cresceu, refletindo uma busca por autoconhecimento e bem-estar.

Nesse sentido, Siqueira (1999, p. 91) considera que “*New Age* poderia ser caracterizado como um conglomerado de tendências que não teria textos sagrados ou líderes, nem organização fechada ou estrita, nem dogmas. Tratar-se-ia, segundo alguns autores, de mais uma ‘sensibilidade espiritual’ do que de um movimento espiritual estruturado”. Para a autora, essa abordagem reflete uma atitude ou desejo de integração e harmonia, buscando unir o pessoal e o privado ao ecológico e ao cósmico, de forma livre e sem restrições, com uma experiência profunda e natural do divino que permeia tudo.

A espiritualidade da Nova Era enfatiza a ideia de que todos estão interconectados e que a consciência individual pode influenciar a realidade coletiva. Temas como a cura energética, a reencarnação e a ascensão espiritual são comuns. Além disso, o movimento promove uma visão otimista do futuro, acreditando numa transformação global que levará a uma nova era de paz e harmonia.

Nos anos 80 e 90, o movimento ganhou ainda mais popularidade, com a publicação de livros, a realização de workshops e a criação de comunidades espirituais. Esses movimentos continuam se expandindo em diversidade e possibilidades, sendo considerados como um fenômeno complexo que reflete uma busca por novas formas de espiritualidade e autodescoberta. Representam uma nova consciência espiritual que surge como um fenômeno que questiona os fundamentos da modernidade e do progresso cultural da nossa sociedade. Esses movimentos também têm um caráter cultural e criativo, promovendo experiências e propondo novas formas de viver. A espiritualidade, ou a jornada espiritual, é vista como uma ênfase na busca por autoconhecimento e aprimoramento pessoal, abrangendo não apenas a reestruturação do âmbito religioso e espiritual, mas também se conectando com áreas como a

psicologia e a medicina. Nesse contexto, novos significados, estilos de vida, autoridades e competências estão em processo de reconhecimento e validação (Siqueira, 1999).

Como enfatizado, as características comuns a muitos dos novos movimentos religiosos incluem uma forte ênfase na experiência pessoal e subjetiva da espiritualidade, a busca por uma comunidade de apoio e a utilização de novas tecnologias para a disseminação de suas mensagens. Entre esses movimentos, observa-se um crescente interesse pelo Sagrado Feminino, uma perspectiva que resgata e ressignifica a centralidade das divindades femininas e da espiritualidade vinculada ao princípio da Deusa e ao culto à Grande Mãe. Esse fenômeno emerge em meio a um cenário de crise das religiões institucionalizadas, favorecendo a busca por novas formas de espiritualidade que enfatizam a conexão com a natureza, a intuição e o empoderamento feminino.

O Sagrado Feminino, enquanto vertente espiritual, portanto, remonta a tradições ancestrais que cultuavam divindades femininas, frequentemente associadas à fertilidade, ao ciclo lunar e à terra como fonte primordial da vida. Historicamente, o culto à Grande Mãe remonta a sociedades matrifocais que floresceram ao longo da pré-história, onde a figura feminina era venerada como a fonte de vida, fertilidade e sabedoria. Autoras como Jean Shinoda Bolen, em *O Milionésimo Círculo* (2003) e Mirela Faur, em *O Legado da Deusa* (2003), nos ajudam a compreender a importância dessa figura arquetípica e sua influência nas tradições espirituais. Faur enfatiza que a Grande Mãe simboliza a fertilidade da Terra, a continuidade da vida e a interconexão entre todos os seres. Essa perspectiva nos remete a um tempo em que as comunidades viviam em harmonia com a natureza, reconhecendo a sacralidade de cada ser e a importância de ciclos naturais (Silva, 2005).

Contudo, com o advento das grandes religiões monoteístas, a sacralidade feminina foi gradualmente marginalizada, resultando na predominância de um imaginário religioso centrado no divino masculino. O ressurgimento contemporâneo do Sagrado Feminino pode ser interpretado como uma resposta a essa marginalização, promovendo a valorização do feminino nas práticas espirituais:

Um dos mais marcantes fenômenos do século XX foi o renascimento da religião da Deusa na cultura ocidental. Presente desde tempos imemoriais em todas as civilizações antigas, o princípio sagrado feminino personificado em múltiplas facetas e arquétipos da Grande Mãe foi eclipsado, depois renegado e, aos poucos, ocultado pelos conceitos e dogmas das religiões patriarcais. [...] Apesar do seu ocultamento, a tradição da Deusa não chegou a desaparecer totalmente; ela seguiu um ciclo de ascensão, florescimento e declínio devido às transformações sociais e culturais ocorridas nos últimos 4000 anos. Seus registros, no entanto, permaneceram nas memórias ancestrais, no inconsciente coletivo, nos costumes populares e nos contos de fada (Faur, 2011, p. 23).

Dessa maneira, o retorno do Sagrado Feminino, especialmente na forma do culto à Deusa, também denominada por algumas vertentes de Grande Mãe, representa um movimento profundo e transformador que busca resgatar uma conexão ancestral com a espiritualidade e a natureza. Esse fenômeno não é apenas uma reação às estruturas patriarcais que dominaram a sociedade por milênios, mas também uma redescoberta de filosofias e práticas que reverenciam a energia feminina, reconhecendo sua importância na construção de uma nova consciência coletiva.

Ademais, Faur (2003) destaca que o legado da Deusa não se limita a uma mera reverência ao feminino, mas envolve uma reinterpretação das histórias e mitos que moldaram a espiritualidade ao longo dos séculos. No contexto contemporâneo, o Sagrado Feminino é reativado através de diversos movimentos neopagãos, como a Wicca, o Druidismo, o Reconstrucionismo Pagão e o Xamanismo Feminino, que incorporam elementos do Sagrado Feminino em seus rituais e cosmovisões.

O movimento em torno do Sagrado Feminino geralmente desenvolve suas atividades através de práticas como a dança, a meditação, o herbalismo e os rituais que promovem a cura e a reconexão com o corpo e a Terra. Essa revitalização espiritual é uma resposta à desconexão que muitos sentem num mundo cada vez mais industrializado e alienante.

Antropologicamente, a resiliência do culto à Grande Mãe pode ser vista como uma resposta ao desequilíbrio ecológico e social que caracteriza a atualidade. A revalorização do Sagrado Feminino nos convida a reconsiderar nosso papel na Terra, promovendo uma visão de cuidado e respeito por todas as formas de vida. É um chamado à compaixão e à empatia, não apenas entre humanos, mas também em relação ao meio ambiente e aos seres não humanos.

Vivências nos círculos de mulheres: Entrelaçamentos etnográficos e (auto)biográficos

Em 2005, escrevi² o texto *O Retorno do Sagrado Feminino* como um primeiro esforço de compreensão epistemológica sobre o fenômeno dos círculos de mulheres. Naquele momento, minha análise concentrou-se nos aspectos da espiritualidade que atravessam muitas dessas experiências, refletindo sobre o renascimento de práticas e tradições do Sagrado Feminino vivenciadas por mulheres desde a antiguidade. Argumentei sobre o ressurgimento do culto à dimensão feminina do sagrado como parte de uma espiritualidade emergente, adotada por grupos ao redor do mundo, inclusive no Brasil (Silva, 2005).

Neste novo mergulho investigativo, busco ampliar e aprofundar essa análise por meio de uma abordagem etnográfica e (auto)biográfica, fundamentada nas experiências que venho vivenciando neste cenário desde a década de 1990.

A pesquisa está ancorada em uma abordagem qualitativa que conjuga observação participante e narrativas (auto)biográficas. A metodologia entrelaça vivências pessoais em círculos de mulheres com a construção de um olhar investigativo que considera tanto a perspectiva da participante quanto da facilitadora.

A pesquisa (auto)biográfica tem ganhado reconhecimento no campo das ciências humanas, articulando saberes interdisciplinares que integram experiências de vida aos processos de pesquisa e formação. Segundo Souza e Passeggi (2008, p. 17), esse campo representa um espaço fértil para compreender os processos de aprendizagem, formação e inserção social de sujeitos em diferentes fases da vida.

As experiências (auto)biográficas vivenciadas nos círculos de mulheres revelam-se como espaços de escuta, acolhimento e reconstrução de si. Por meio delas, as participantes constroem novas imagens de si mesmas, elaborando sentidos sobre suas experiências pessoais, sociais e espirituais. Nesse sentido, as narrativas (auto)biográficas utilizadas nesta reflexão compreendem vivências entre 1990 e 2024, tanto presenciais quanto online, sendo expressas a partir da interface entre a experiência vivida e o olhar da pesquisadora. São memórias atravessadas por afetos e implicações (Favret-Saada, 2005), que contribuíram para minha autoformação e para a compreensão epistemológica do campo do Sagrado Feminino.

Primeiras Experiências: Encontros da Lua Cheia em Fortaleza (1990-2004) e os eventos do Sagrado Feminino no Cariri Cearense (2006-2024)

Entre 1990 e 2004, participei dos chamados *Encontros da Lua Cheia*, realizados em Fortaleza. Esses encontros ocorriam de quatro a seis vezes por ano, sempre em noites de lua cheia, geralmente em locais abertos como sítios e

² Na sequência, a presente abordagem da temática proposta, está em primeira pessoa, pois a autora relata parte de suas experiências e reflexões.

casas de praia. As atividades incluíam acolhimento, danças circulares, rituais inspirados na Wicca e no Xamanismo³, partilhas e lanches colaborativos.

Esses encontros reuniam entre 15 e 30 mulheres de idades diversas, muitas delas mães que inclusive levavam seus filhos. As temáticas abordadas giravam em torno da espiritualidade feminina, conexão com o ciclo lunar, empoderamento, sexualidade e autoconhecimento.

O público era composto majoritariamente por professoras, enfermeiras, psicólogas, terapeutas, assistentes sociais e profissionais autônomas. Observava-se, na época, uma efervescência de novos movimentos religiosos em Fortaleza, com práticas focadas na cura, espiritualidade e conexão com a natureza.

Durante esse período, iniciei minha atuação como facilitadora de círculos de mulheres, construindo, paralelamente, uma trajetória de (auto)formação marcada por intensa dedicação e aprofundamento. Este percurso envolveu a participação em diversos cursos, workshops e vivências relacionados ao Sagrado Feminino e ao Xamanismo Feminino⁴, bem como em formações voltadas para o autoconhecimento e a espiritualidade. Destaca-se, nesse contexto, a formação iniciada em 2011 no Programa Pathwork^{®5} de Transformação Pessoal, a qual tem se consolidado como base epistemológica e vivencial fundamental para a prática que desenvolvo nos círculos de mulheres.

A partir de 2006, minha atuação estendeu-se ao Cariri Cearense, especialmente nas cidades de Crato e Juazeiro do Norte. Os círculos organizados nesse período tinham foco no autoconhecimento, autocuidado e espiritualidade, geralmente realizados em espaços holísticos e conduzidos por terapeutas com formação em dança circular e psicologia. As práticas incluíam danças sagradas, canto, terapia, meditação, yoga e florais da lua. Os encontros eram esporádicos, ocorrendo entre dois a quatro eventos anuais.

Também participei da formação *Antropologia da Mulher Terapeutas do Feminino*, entre 2018 e 2019, em Maranguape, cidade próxima a Fortaleza. Este curso foi coordenado pelas terapeutas e condutoras de círculos de mulheres, Fátima Tolentino, Marisa Sanabria e Suianne Vieira, e teve como objetivo capacitar mulheres para atuarem como Guardiãs de Círculos de Mulheres, com base em práticas e temáticas relacionadas ao Sagrado Feminino.

Experiências Online e Sistematização de Saberes (2020-2023)

Durante o período pandêmico e pós-pandêmico, participei de diversas formações e círculos online, como: círculos de mulheres online, coordenados por Fátima Tolentino, que abordaram reflexões e ensinamentos sobre considerações históricas e ritualísticas relacionadas à menstruação e *Jornada das Deusas*, organizada por Marisa Sanabria. Esses encontros reuniam mulheres de diferentes países, incluindo Brasil, Argentina, México, Chile e Portugal.

³ O xamanismo, tanto em sua forma mais primitiva quanto na mais moderna, recupera o aspecto democrático da vida espiritual: as forças sutis da natureza manifestam-se em experiências espirituais. O xamanismo é uma concentração de conceitos e técnicas psíquicas que, ao longo das idades, foram desenvolvidos por um grupo particular, por povos que se espalharam em cada continente (Drouot, 1999). Para Michael Harner, em *O caminho do Xamã: um guia de poder e cura*, “o xamanismo é uma grande aventura mental e emocional, onde tanto o paciente como o curandeiro xamã ficam envolvidos. Através de sua heroica viagem e de seus esforços, o xamã ajuda seus pacientes a transcenderem a noção normal e comum que têm acerca da realidade, inclusive a noção de si próprios como doentes. [...] O xamanismo representa o mais difundido e antigo sistema metodológico de tratamento da mente e do corpo que a humanidade conheceu” (1982, p. 13 e 76).

⁴ O Xamanismo Feminino é uma vertente espiritual que resgata e valoriza a conexão ancestral das mulheres com a natureza, a intuição e os ciclos da vida. Inspirado por tradições xamânicas ancestrais de diversas culturas, este caminho espiritual centra-se na sabedoria feminina como fonte de cura, transformação e autoconhecimento. Através de práticas como rituais lunares, meditações guiadas, uso de ervas sagradas, dança e cânticos, o Xamanismo Feminino propõe um reencontro com a essência cíclica do feminino, promovendo o empoderamento espiritual e a reconexão com o sagrado interior. Esta abordagem integra corpo, mente e espírito, reconhecendo a mulher como guardiã da vida e ponte entre mundos visível e invisível (Tedlock, 2008).

⁵ “O Pathwork[®], cuja tradução literal é ‘Trabalho do Caminho’, é uma metodologia de autoconhecimento baseada em um conjunto de ensinamentos apresentados sob a forma de palestras. Estas contêm conceitos e orientações sobre como remover os obstáculos que nos separam dos outros, da nossa criatividade e energia vital, aumentar a intimidade nos nossos relacionamentos e, assim, abrir mão do que bloqueia nosso desenvolvimento, nossa plena realização e alegria”. É um treinamento intensivo que visa a autotransformação e o autoconhecimento que integra os aspectos físico, mental, emocional, espiritual e social do ser humano. Disponível em: <http://pathworkbrasil.com.br/oque-e-pathworkbrasil.php>. Acesso em março de 2025.

Entre 2021 e 2022, participei de duas formações online que contribuíram significativamente para a sistematização dos conhecimentos adquiridos ao longo da minha trajetória. A primeira foi o ciclo de *Rodas de Cura e Partilhas do Conselho das Anciãs das 13 Luas*, conduzido por Awarani Araising – mulher medicina, artista espiritual, curandeira, diretora de teatro, atriz e escritora. Estes encontros ocorreram a cada 28 dias, totalizando 13 sessões, sempre às quartas-feiras, das 18h às 21h, via plataforma Zoom. O conteúdo abordava treze arquétipos ancestrais, promovendo o desenvolvimento da escuta e da percepção através da reflexão e transmissão de saberes femininos milenares oriundos dos povos nativos das Américas.

A segunda formação ocorreu em 2022, consistindo em 12 aulas gravadas, com acesso disponível por 36 meses. Foi ministrada pela psicóloga Fany Carolina, especialista em Xamanismo Feminino. O curso teve como propósito apresentar práticas e saberes ancestrais adaptados à contemporaneidade, com base nos ensinamentos da Roda da Vida e na sabedoria dos ciclos da natureza.

Paralelamente, entre 2020 e 2023, participei dos encontros online da *Benção do Útero*, realizados em cinco datas anuais predefinidas, iniciativa criada por Miranda Gray – autora de obras de referência para os círculos de mulheres, como *O Oráculo da Lua Vermelha: Mensagens de Sacralidade Feminina Interior para Vivenciar o seu Ciclo Menstrual de Forma Plena e Criativa*. Dentre as várias facilitadoras formadas nessa metodologia atuantes no Brasil, acompanhei os trabalhos de Nevenka Garcia, mentora de mulheres, especialista em terapias integrativas e guardiã de círculos de mulheres.

Essas formações e vivências online permitiram-me ampliar o conhecimento sobre diferentes coletivos femininos, acompanhar suas partilhas e testemunhar o envolvimento das participantes, cujos efeitos se manifestam em desdobramentos contínuos nos grupos de WhatsApp destinados à conexão, estudo e partilha de experiências.

Círculos Facilitados e Práticas Utilizadas

Os círculos que facilitei foram estruturados a partir de práticas ligadas ao Xamanismo Feminino, à espiritualidade e ao autoconhecimento. As atividades seguiam as estações do ano e o calendário lunar, com base no culto à Grande Mãe, nos arquétipos das Deusas, nos rituais de Bênção do Útero e em expressões autobiográficas, como a escrita de si, bordado narrativo e mapas da experiência vivida.

Entre esses eventos destaco os cursos baseados na metodologia do bordado narrativo, as vivências centradas nos arquétipos das Deusas, os encontros de celebração da primavera (realizados em 2019, 2021 e 2022), bem como a imersão *Plena Femina: Primavera*, que aconteceu em setembro de 2024. Esta última foi organizada pelo grupo *Mulheres na Tribo*, do qual faço parte na coordenação.

Com base nas fichas de inscrição elaboradas para a organização dos eventos no Cariri cearense, os quais coordenei, muitas vezes em parceria com outras terapeutas, observa-se um perfil das participantes semelhante ao que encontrei em Fortaleza. No entanto, destaco alguns aspectos mais específicos desse perfil: a maioria das mulheres identifica-se como cisgênero, branca ou parda, com idades entre 30 e 70 anos, possuindo formação superior e pós-graduação em diversas áreas. Uma parte delas é composta por servidoras públicas concursadas; outras são profissionais liberais, sobretudo psicólogas e terapeutas holísticas.

O interesse e as expectativas dessas mulheres ao procurarem esses encontros, segundo os registros nas fichas de inscrição, incluem: conexão com a espiritualidade, com a natureza e consigo mesmas, no intuito de promover a cura do feminino – abrangendo aspectos físicos/corporais, emocionais e espirituais; autoconhecimento e fortalecimento pessoal para empreender mudanças internas e externas; apoio na superação de traumas, dores e sofrimentos; convivência entre mulheres para partilhas pessoais e troca de experiências; autoestima, autoaceitação e celebração da vida.

Diversidade e complexidade dos círculos de mulheres

É importante destacar a diversidade de denominações e abordagens dos grupos: alguns se identificam como círculos, outros como rodas, encontros ou grupos de estudo. Nem todos têm como foco a espiritualidade ou o Sagrado Feminino; muitos são voltados a aspectos terapêuticos, com ênfase em saúde emocional, apoio psicossocial e autoconhecimento. Outros grupos priorizam práticas corporais, como danças circulares e yoga, com ou sem uso de elementos simbólicos ou ritualísticos.

Nessa miscelânea de possibilidades e variações, encontramos os grupos que se identificam com a denominação de “sagrado feminino”, frequentemente organizados como círculos de mulheres que se reúnem com regularidade. Muitos desses grupos seguem práticas inspiradas no Xamanismo Feminino, na Wicca ou em uma mescla de cultos e devoções. É comum também encontrar círculos que incorporam elementos do cristianismo ou de tradições afro-brasileiras.

Ao longo dos anos, tive a oportunidade de vivenciar diversas dessas abordagens. No entanto, identifico-me especialmente com aquela que integra espiritualidade e autoconhecimento, com o propósito de promover um trabalho psicoemocional e espiritual. Essa proposta se concretiza por meio de práticas que favorecem a autodescoberta e a transformação interior, fortalecendo o cuidado consigo mesma e a busca por um bem-viver mais consciente e equilibrado.

Esses grupos, círculos e eventos recorrem a uma ampla variedade de práticas que dialogam com o sagrado, bem como com dimensões socioemocionais e culturais. Entre elas, destacam-se: rituais de culto à Grande Mãe ou a diferentes Deusas; celebrações das estações do ano e das fases lunares; ritos de passagem relacionados aos “mistérios do sangue” feminino (ciclo menstrual e a menopausa); celebrações da maternidade por meio de bênçãos pré-natais e preparações para o parto; além de rituais ligados a aniversários, mudanças, transições, separações e morte. As temáticas mais recorrentes nos encontros observados incluem:

- Traumas e dores do feminino (abusos, abandono, medos, perdas, estresse, autoimagem);
- Relações familiares, com destaque para vínculos com pais, filhos e parceiros;
- Empoderamento feminino, maturidade, conexão com a natureza e ginecologia natural.

Entre as práticas observadas estão: rituais com fogueiras, danças circulares, meditações, cantos sagrados, contação de histórias, uso de ervas, cristais, bebidas sagradas (ayahuasca, jurema, cacau), além de atividades manuais como bordados, mandalas e pinturas.

Alinhada com esse contexto, confirmo as reflexões de Maso (2022), que destaca como as diferentes denominações assumidas pelos grupos de mulheres contribuem para a compreensão da diversidade nas práticas voltadas ao feminino. Ao questionar a generalização do termo “sagrado feminino”, a autora evidencia sensibilidade metodológica ao reconhecer que os grupos observados em sua etnografia nem sempre compartilham a mesma autodefinição ou entendimento dos conceitos. Sua categorização em quatro tipos distintos de círculos representa uma tentativa de sistematização analítica que respeita a heterogeneidade do campo, evitando essencialismos.

A reflexão de Maso (2022) sublinha a relevância dos círculos de mulheres como espaços de construção simbólica e prática de novas formas de subjetivação feminina. A autora evidencia que, apesar da diversidade de práticas e referências, é possível identificar um denominador comum na experiência dessas mulheres, o qual se ancora numa revalorização do feminino em contraposição a discursos hegemônicos que historicamente o associam à fragilidade e à subalternidade.

Este posicionamento dialoga com os contributos de Butler (2003), ao reconhecer o gênero como uma construção social performativa, constantemente reiterada através de práticas e discursos. Nos círculos de mulheres, essas práticas rituais e partilhas coletivas funcionam como atos performativos que ressignificam a identidade feminina, promovendo a autonomia das participantes. Além disso, estas experiências podem ser compreendidas à luz da teoria dos “espaços de resistência” (hooks, 2019), segundo a qual o encontro entre mulheres permite a criação

de espaços seguros (*safe spaces*), nos quais se constroem novas narrativas identitárias, em oposição às estruturas patriarcais dominantes.

A “cadência ritual” a que Maso (2022) se refere aponta para uma estruturação simbólica que integra o íntimo e o coletivo, reforçando o carácter performativo e transformador da participação nesses grupos. Nesse sentido, os círculos de mulheres podem ser conceptualizados como *loci* de agência⁶ (Giddens, 1989), onde se opera a ligação entre o sujeito e a transformação social através da prática reflexiva e da construção de um sentido partilhado de pertença e resistência.

Dessa maneira, os círculos de mulheres afirmam-se como instâncias de reinscrição do feminino na esfera pública e privada, potencializando mudanças nas formas de ser, perceber-se e atuar enquanto mulher em múltiplas escalas sociais, em consonância com uma perspectiva interseccional e crítica da experiência feminina contemporânea.

As experiências descritas ao longo deste percurso evidenciam a pluralidade e riqueza dos círculos de mulheres como fenómeno contemporâneo que transita entre o religioso, o terapêutico e o espiritual. Concordo com Jean Shinoda Bolen (2003, p. 29), ao afirmar que:

As mulheres conversam em círculos de inúmeras formas e maneiras; a conversa toma uma forma espiral na exploração subjetiva de cada tema. Ouvir, testemunhar, representar, reagir, aprofundar, espelhar, rir, chorar, lamentar, aprender com as experiências e compartilhar a sabedoria da experiência: mulheres em círculos apoiam-se umas às outras e se descobrem através da conversa.

Assim, os círculos tornam-se espaços vivos de (auto)formação, transformação e expressão do Sagrado Feminino, revelando a potência de práticas que, embora diversas em forma, convergem em seu propósito de cura, reconexão e fortalecimento do feminino.

Os círculos de mulheres: conexão, transformação e fortalecimento feminino

A análise integrada do trabalho de campo e da literatura especializada permite afirmar que os círculos de mulheres vêm se consolidando como uma expressão marcante da espiritualidade emergente, com o objetivo de criar redes de apoio, partilha e autoconhecimento para mulheres. Esses encontros, que podem ser presenciais ou virtuais, reverberam tradições ancestrais de conexão entre mulheres, reformuladas e atualizadas para responder aos desafios e questões do mundo atual.

Para Mirella Faur (2011), autora e facilitadora de círculos de mulheres e rituais sagrados femininos, os círculos de mulheres são espaços de partilha e cura, destinados a apoiar e fortalecer as mulheres através de rituais, práticas espirituais e trocas de experiências. Segundo ela, esses círculos servem como um ambiente seguro onde as mulheres podem expressar as suas emoções, trabalhar a sua espiritualidade, fortalecer a sua autoestima e criar uma conexão profunda com outras mulheres. A prática, então, visa resgatar o poder feminino, em parte através da reconexão com arquétipos e mitologias ancestrais ligadas à Deusa, a Grande Mãe e ao Sagrado Feminino.

Jean Shinoda Bolen, psiquiatra e analista junguiana, vê os círculos de mulheres como estruturas poderosas de transformação pessoal e coletiva. Em sua obra *O Milionésimo Círculo*, Bolen argumenta que esses espaços têm o potencial de impulsionar mudanças globais ao promover a cura e o fortalecimento de suas participantes, ampliando

⁶ A palavra “*loci*” é o plural do termo latino “*locus*”, que significa literalmente “lugar”. No contexto acadêmico, especialmente nas ciências sociais e humanas, “*loci*” é frequentemente usado para designar *lugares simbólicos ou conceptuais*, onde algo acontece ou se manifesta. No texto usei “*loci de agência e resistência*” para me referir aos círculos de mulheres como *espaços significativos (não apenas físicos, mas também sociais e simbólicos)*, onde as mulheres exercem poder (agência) e constroem resistência contra narrativas dominantes.

sua capacidade de agir em prol de uma sociedade mais justa e equitativa. Para Bolen, os círculos de mulheres são catalisadores para o despertar de uma consciência coletiva voltada para a paz e para o cuidado com o planeta, fomentando uma nova liderança baseada na empatia e na cooperação, e não na competição.

Bolen (2003) também ressalta o poder simbólico desses círculos, nos quais o “círculo” representa igualdade e inclusividade. Esse formato é particularmente importante, pois cria um ambiente sem hierarquias, onde todas as vozes são ouvidas e cada mulher é valorizada por suas singularidades. Assim, o círculo é, além de um espaço de encontro, um ato político de empoderamento feminino que combate a opressão e promove a sororidade.

Beatriz Del Picchia e Cristina Balieiro (2019), autoras e estudiosas de temas relacionados à espiritualidade feminina, destacam o papel dos círculos de mulheres como ambientes de autoconhecimento e de fortalecimento da identidade feminina. Segundo elas, a vivência em círculos permite que as mulheres acessem aspectos internos frequentemente negligenciados ou suprimidos, como a intuição, a sensibilidade e a força arquetípica associadas ao feminino. Ela sugere que os círculos possibilitam um espaço onde as mulheres podem se despir das pressões externas e explorar suas emoções e suas identidades de maneira autêntica e acolhedora.

Ainda segundo as mesmas autoras, os círculos são importantes também por oferecerem uma perspectiva de integração entre o individual e o coletivo, pois, ao mesmo tempo que cada mulher é incentivada a desenvolver sua individualidade, ela se percebe como parte de uma rede de apoio e interdependência. Essa prática de autoconhecimento compartilhado fortalece a noção de pertencimento e a capacidade de acolher e respeitar a diversidade entre as mulheres (Del Picchia; Balieiro, 2019).

Cristina Balieiro (2019), ao estudar e participar de círculos de mulheres, reforça a ideia de que esses espaços representam uma espiritualidade contemporânea renovada, que valoriza o feminino e a experiência pessoal das mulheres com o sagrado. Para Balieiro, os círculos de mulheres possibilitam um contato mais próximo com o que ela chama de “espiritualidade da Terra”, uma conexão íntima com o planeta e com as forças naturais que vão além das estruturas religiosas convencionais.

Balieiro afirma que essa nova espiritualidade se manifesta na prática dos círculos, onde as mulheres celebram seus ciclos biológicos e naturais, como o ciclo menstrual e as fases da lua, reconhecendo-os como fontes de poder e sabedoria. Esse tipo de conexão permite que as mulheres ressignifiquem sua relação com o corpo e com a natureza, passando a ver a si mesmas como guardiãs da vida e da Terra, em sintonia com valores ecológicos e de sustentabilidade.

Essas práticas socio-espiritualistas assumem um caráter ampliado, complexo e diversificado, pois buscam, através de uma abordagem holística, sistêmica, integrativa, sensível e terapêutica, um reencontro com o sagrado a partir da busca da essencialidade existencial e a conexão com a natureza e seus ritmos, o reconhecimento da transpessoalidade e a celebração da unidade com toda criação.

Essas expressões de espiritualidade têm como princípio fundamental o respeito à vida, em todas as suas manifestações, o cultivo da compaixão e aceitação, nossa e dos outros, o acolhimento ao que somos e o que expressamos, sejam dores ou alegrias, pois o entendimento que flui dessa abordagem é o despertar de uma nova consciência para o eterno ciclo da vida-morte-vida e seus ensinamentos experienciais. Por meio de vivências, rituais e partilhas biográficas, portanto, esses grupos evidenciam o ressurgimento de práticas de conexão com a dimensão divina que perpassa todos os seres, ancorados nos saberes ancestrais, como os grupos que seguem a perspectiva do Xamanismo Feminino ou da Wicca.

Os círculos de mulheres é, então, um espaço sagrado de empoderamento, onde cada participante pode explorar e expressar seu potencial criativo e resiliente. Através da escuta ativa, do respeito mútuo e do apoio constante, as mulheres no círculo desenvolvem confiança e autocompaixão, habilidades fundamentais em momentos de desafios e transformações. Este apoio tem um efeito profundo: estudos sobre grupos de apoio emocional indicam

que práticas de partilha e empatia, como as experimentadas nesses círculos, aumentam a sensação de pertença e reduzem sintomas de ansiedade e estresse.

Além disso, o círculo fomenta valores de respeito à diversidade e à inclusão, pilares para uma convivência humana sustentável e saudável. A filosofia de interdependência, defendida por autores como Humberto Maturana e Francisco Varela (2001) e Fritjof Capra, Steindl-Rast e Matus (1991), é central neste contexto: cada mulher se reconhece como parte essencial de um todo maior e trabalha para fortalecer laços, não apenas entre as integrantes do círculo, mas com a natureza e a sociedade. Nesse sentido, os círculos de mulheres servem como microcosmos de um ecossistema inclusivo e interconectado, promovendo a integração e a harmonia.

Num período de intensas mudanças planetárias, os círculos de mulheres resgatam a sabedoria ancestral e conecta-a às necessidades contemporâneas. No círculo, cada mulher é inspirada a redescobrir sua ligação com os ciclos e elementos naturais, reverenciando a Mãe Terra e respeitando todas as formas de vida. Através dessas práticas, as participantes cultivam um sentido de sacralidade feminina e de pertencimento ao planeta, reforçando um estilo de vida que honra o meio ambiente e valoriza o bem-viver e o bem-estar coletivos.

Ao fomentar a união e a resiliência entre mulheres, os círculos de mulheres contribuem para a expansão da consciência individual e coletiva, criando uma rede de apoio, solidariedade e sororidade que transcende as fronteiras convencionais. Esses espaços não hierárquicos de comunhão e partilha, imbuídos de propósito e cuidado, oferecem uma nova perspectiva para o ser e o agir no mundo, baseada na parceria, no respeito e na compaixão.

Conclusões

A partir da análise bibliográfica e da observação das vivências nos círculos de mulheres, é possível reconhecer que estamos diante de um fenômeno sociorreligioso e espiritualista de natureza complexa, dinâmica e multifacetada. Esses espaços, organizados sob a designação de Sagrado Feminino, configuram-se de formas distintas conforme os contextos culturais, os objetivos coletivos e as trajetórias individuais das participantes. Tal pluralidade confere ao fenômeno uma riqueza significativa, tornando-o objeto de crescente interesse por parte da academia, especialmente nos campos da sociologia da religião, dos estudos de gênero e da antropologia.

Nesse contexto, os círculos de mulheres têm se consolidado como espaços de resistência e transformação, promovendo a valorização da subjetividade, do cuidado, da escuta afetiva e da espiritualidade vinculada ao feminino. Além de favorecerem o autoconhecimento e a cura emocional, tais círculos também estimulam o fortalecimento de laços comunitários e a construção de uma nova narrativa sobre o feminino, fundamentada em práticas ancestrais e em cosmologias diversas – incluindo tradições indígenas, afrodescendentes e orientais. Assim, esses espaços se tornam ambientes simbólicos e terapêuticos que visam restaurar a conexão com o corpo, a natureza e o coletivo.

Contudo, apesar de seu potencial emancipador, é necessário lançar um olhar crítico sobre a constituição social desses espaços e os limites de sua proposta inclusiva. Como apontado por Crenshaw (1989) e aprofundado por Collins (2019), a teoria interseccional revela como as experiências de gênero são simultaneamente atravessadas por outras categorias sociais, como raça, classe, orientação sexual e identidade de gênero. A partir dessa perspectiva, observa-se que muitos círculos de mulheres ainda apresentam um perfil relativamente homogêneo, composto majoritariamente por mulheres cisgênero, brancas ou pardas, de classe média, com formação superior e inseridas no mercado formal de trabalho. Essa configuração é reflexo de estruturas desiguais de acesso à informação, ao tempo disponível, aos recursos financeiros e à linguagem simbólica que permeiam tais espaços.

Adicionalmente, a apropriação de saberes ancestrais sem um compromisso ético e político com as comunidades de origem e com a luta antirracista suscita preocupações relevantes. Conforme alerta Audre Lorde (2020), o uso instrumental de elementos culturais de tradições alheias, desprovido de escuta ativa e de alinhamento

com as suas lutas históricas, pode configurar uma forma sutil de colonização espiritual, mesmo quando travestido de empoderamento.

Outro ponto que merece atenção refere-se à tendência, presente em algumas abordagens, de espiritualizar de forma excessiva os problemas sociais, deslocando-as do campo do autoconhecimento individual e da cura pessoal. Tal deslocamento pode enfraquecer o engajamento em ações coletivas e políticas, fundamentais para enfrentar as desigualdades estruturais que atravessam a vida das mulheres.

Dessa forma, conclui-se que os círculos de mulheres constituem uma expressão contemporânea significativa de espiritualidade e de reconfiguração das relações de gênero, com potencial para promover tanto o desenvolvimento pessoal quanto a transformação social. Para que esse potencial se realize plenamente, é imprescindível que tais espaços avancem no sentido de práticas mais interseccionais, críticas e politizadas, comprometidas com a escuta das vozes marginalizadas e com uma espiritualidade que articule a dimensão pessoal à justiça social. Somente assim será possível ampliar a potência desses círculos como redes de apoio, espaços de escuta e núcleos de resistência e regeneração coletiva, em direção a um mundo mais justo, plural e inclusivo.

Referências

BALIEIRO, Cristina. *O legado das deusas: Caminhos para a busca de uma nova identidade feminina*. 2. ed. São Paulo. Pólen, 2019.

BALIEIRO, C.; DEL PICCHIA, B. *Círculos de mulheres: As novas irmandades*. São Paulo: Ágora, 2019.

BOLEN, Jean Shinoda. *O Milionésimo Círculo: Como transformar a nós mesmas e ao mundo*. Um guia para Círculos de Mulheres. São Paulo: TRIOM e TAYGETA, 2003.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAPRA, Fritjof; STEINDL-RAST, David; MATUS, Thomas. *Pertencendo ao Universo: Explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade*. São Paulo: Cultrix, 1991.

COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. *Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics*. The University of Chicago Legal Forum, n. 140, p. 139-167, 1989.

DROUOT, Patrick. *O físico, o xamã e o místico: os caminhos espirituais percorridos no Brasil e no exterior*. Tradução de Luca Albuquerque. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 1999.

FAUR, Mirella. *O legado da Deusa*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 2003.

FAUR, Mirella. *Círculos Sagrados para mulheres contemporâneas: práticas, rituais e cerimônias para o resgate da sabedoria ancestral e a espiritualidade feminina*. São Paulo: Pensamento, 2011.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. In: BRUSCHI, M.; GRILLO, M. M. (Orgs.). *Lições de Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HARNER, Michel. *O caminho do xamã: um guia para manter a saúde e desenvolver o poder de curar*. Tradução Nair Lacerda. Revisão Carminha Levi. São Paulo, Cultrix, 1982.

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HERVIEU-LÉGER, D. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

LEAL, Marinna Cardoso. *Movimentos New Age e a Espiritualidade da Nova Era no Contexto Digital: Estudo de Caso do "Movimento Natural Vibe"*. Dissertação, Mestrado em Ciências da Comunicação. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019, 146 p.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider: Ensaios e Conferências*. Tradução de Stephanie Borges. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MASO, Tchella. Círculos de mulheres: cadência ritual e sentidos intersubjetivos. *Textos & Debates*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira (PPGSOF) e do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, v. 29, n. 1, e7997, Jan.-Jun. 2022.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: As bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2001.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. *Sociedade e Estado*, v. 23, n. 2, p. 261-279, 2008.

SEGUNDO, João Florindo Batista; CAVALCANTI, Carlos André Macedo. Uma introdução às Novas Expressões Religiosas. *Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*, v. 7, n. 17, p. 1115-1125, 2020.

SIQUEIRA, Dias. Psicologização das religiões: religiosidade e estilo de vida. In: Os novos movimentos religiosos. *Sociedade e Estado*. Revista semestral de Sociologia. Brasília, Distrito Federal, v. XIV, n. 1, p. 89-126, janeiro-junho 1999.

SIQUEIRA, D. Novos Movimentos Religiosos como Desafio à Sociologia da Religião na Atualidade. *Revista Caminhos*. Revista de Ciências da Religião, Goiânia, Brasil, v. 6, n. 1, p. 33-43, 2010. DOI: 10.18224/cam.v6i1.925. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/925>. Acesso em janeiro de 2025.

SILVA, Adriana Maria Simião da. O Retorno do Sagrado Feminino. Caderno de Ciências Sociais: *Tendências*. Crato. N. 3, p. 117-128, Set. 2005.

SOUSA, Emília Maria de Meneses. *O Sagrado Feminino e a Nova Era no Círculo de Mulheres Flor de Lótus em Teresina-Piauí*. Dissertação, Mestrado em Sociologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2022, 119 p.

SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição. *Experiência e formação: pesquisa (auto)biográfica e práticas educativas*. Natal: EDUFRN, 2008.

TEDLOCK, Barbara. *A mulher no corpo de xamã: o feminino na religião e na medicina*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2008.
